

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 70 — Domingo, 10 de Outubro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Prove...

CASALINHO

e terá escolhido o seu vinho!

AVENÇA

INFANTE D. HENRIQUE

(1394 - 1460)

Pelo Almirante GAGO COUTINHO

ATÉ fins do próximo mês de Novembro, serão apresentados na secretaria-geral do Ministério das Obras Públicas, nos termos do respectivo regulamento, os projectos para o monumento ao Infante D. Henrique, a erigir em Sagres. No programa do concurso, consideram-se abrangidos, além do monumento, propriamente dito, a situar na zona sul do Promontório, os trabalhos de arranjo urbanístico necessários para a valorização do local, devendo também ser considerada a instalação de um farol e de um museu evocativo, integrados no conjunto do monumento.

O custo total das obras, incluindo todos os encargos do Estado, não deverá exceder 35.000 contos.

O monumento está incluído no programa das homenagens que serão prestadas, em 1960, ao inclito Príncipe, e será a mais significativa de todas, pois representa o preito de gratidão, não apenas de todos os portugueses, mas da Humanidade, a quem as audaciosas navegações dos marinheiros lusitânicos abriu novos mundos e uma nova Era.

São do sábio almirante Gago Coutinho, glorioso mestre da arte de navegar, as linhas que se seguem — de brilhante evocação — e que, com a devida vénia, extrairmos do último «Boletim» da Casa do Algarve, em Lisboa, agremiação regionalista que à causa do monumento ao Infante D. Henrique tem dedicado uma acção verdadeiramente digna de reconhecimento e louvor.

DEPOIS de, em 1415, apenas com 21 anos de idade, ter combatido na conquista de Ceuta, D. Henrique passou a preocupar-se com a economia do Algarve.

O PROBLEMA DAS DRAGAGENS DO GUADIANA

UM dos problemas de maior importância para o nosso porto, que é o das dragagens do Guadiana, acaba de ser enfrentado pelo ilustre ministro das Comunicações, sr. coronel Gomes de Araújo, que nomeou uma comissão constituída pelo capitão do Porto de Vila Real de Santo António, capitão-de-mar-e-guerra José Emílio Henriques de Brito, director dos Serviços Marítimos, eng. Carlos Krus Abecassis (presidente), eng.-chefe da Circunscrição Mineira do Sul, Guilherme de Castro Leandro, e eng.-director da Junta Autónoma dos Portos de Setúbal do Algarve, Custódio Joaquim Rosado Pereira, a qual é encarregada de estudar o problema das dragagens do Guadiana, visando fundamentalmente a averiguação das entidades pelas quais devem ser repartidos os encargos resultantes da sua execução.

VISITAS SIGNIFICATIVAS

NESTAS últimas dezenas de anos, as circunstâncias impuseram a vida internacional uma intensa e crescente actividade. Luta, comunidade ou defesa de interesses, diversidade ou convergência de conceitos políticos, fundamentos de ordem económica, e a expansão das ambições firmadas na força em impetos de disfarçada conquista ainda resultantes da guerra que incendiou o Mundo, originaram maior actividade nas relações dos povos e mais intima e sincera aproximação entre aqueles que possuem afinidades de moral, de crité-

rio e conveniência comum e nacional. Ao estado de conflito da guerra, sucedeu

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O RISO DA SEMANA



Depois da visita à feira. — Eu não te dizia que isso só se podia fazer por meio de um truque?

EXPORTAÇÃO DE CONSERVAS DE PEIXE

PERSPECTIVAS DOS MERCADOS AMERICANOS

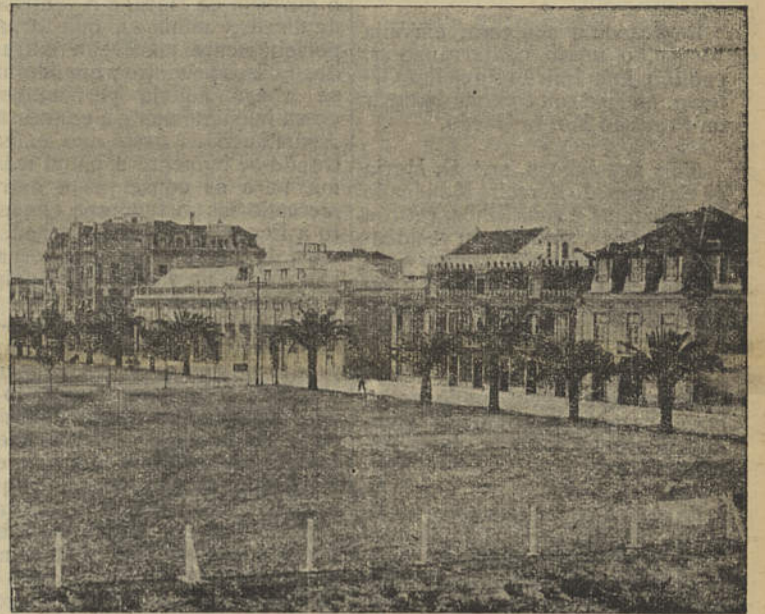
GRACAS à melhoria dos mercados europeus e, em especial, à abertura do mercado britânico e ao alargamento do poder de compra externo da Alemanha, a indústria portuguesa de conservas de peixe encontra-se desde há alguns meses em fase mais auspiciosa de recuperação comercial, com reflexos animadores nas actividades da indústria. Inicia-se, deste modo, um processo de compensação dos profundos e penosos sacrifícios sofridos em anos anteriores, aguardando-se com esperança que se prolonguem e alarguem estes horizontes favoráveis no futuro imediato. Nas condições actuais do mundo económico, todavia, nunca pode contar-se com expectativas segun-

das; e é oportuno considerar agora, enquanto a Europa nos apresenta essa benéfica renovação de velhas tradições comerciais, o panorama dos mercados americanos, muito menos promissor, mas sempre com as imensas possibilidades virtuais da sua amplitude e potencial de compra.

Observemos, em primeiro lugar, os países da América do Sul e Central, deixando para o final e para mais detida análise o mercado dos Estados Unidos, com a sua importância predominante. Em alguns desses países subsistem proibições declaradas para o ingresso das conservas de peixe portuguesas, como é nomeadamente o caso da Colômbia e da Venezuela, ou restrições mais ou menos recentes que foram instituídas com o objectivo de defender indústrias locais que procuram abrir caminho apesar da qualidade manifestamente inferior dos seus produtos. Por isso mesmo se compreende que lhes seria impossível sustentar a concorrência das nossas conservas desde que faltassem os sistemas apertadamente proteccionistas em que se apoiam.

O Brasil, por seu turno, continua a debater-se com fortes dificuldades de pagamentos externos e, no acordo comercial em vigor com o nosso País reservou às conservas de peixe o contingente insignificante de 2.000 contos; mas nem este mesmo será viável, porque a aquisição de cambiais a tal fins destinadas pode considerar-se praticamente impossível, devido às autoridades brasileiras a terem situado num escalão recuado a que não será natural chegar-se.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)



Vila Real de Santo António — Recinto da Feira

A FEIRA DA PRAIA

COMEÇAM hoje os primeiros acordes da sinfonia de barulho que, durante quatro dias, serão a nota dominante da tradicional Feira da Praia, que todos os anos aqui se realiza.

As feiras, essa reminiscência do passado, que podem considerar-se, nos tempos que vão correndo, um verdadeiro anacronismo, têm resistido a todas as contingências e adversidades, com a persistência de tudo que é defendido pelo entusiasmo popular. Entre nós, a feira e a romaria

estão tão vincadas no espírito popular, tão profundamente arreigadas no alma do povo, que dificilmente se extinguirão. Prosseguirão através do tempo, mantendo, para cada região, feições e características próprias e inconfundíveis. As do Algarve, a que falta o sabor da festa brava, típica

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Conta = Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Diário

Legítima, sim, a luta pela felicidade. Reconheço. Mas não, como disse a M. Eduarda, «a luta pela felicidade a todo o preço». Até porque sei da minha incapacidade para ser feliz, hoje. E depois não saberia que fazer da minha felicidade, num mundo de vilanias, de miséria, de escuridão. Como disse o poeta: «Não distingo o meu destino / do destino da equipagem.» Sinto que ou se procura a felicidade, como se se tratasse de uma tarefa colectiva — ou a infelicidade acabará por nos amargar na boca e enegrecer a alma.

A propósito

Tão estranhos, certos conceitos de felicidade! O que deseja ter muito dinheiro; a que sonha «casar bem» (o horror desta expressão: «casar bem!»); o que aspira a dominar, a ter alguém sobre quem exercer domínio (Sancho Pança já dizia que é bom mandar, nem que seja num rebanho de cabras). Os anos correm, trazem o fastio, a desilusão. Os escombros amontoam-se no caminho e os homens acabam por se sentirem mais sós, mais infelizes do que nunca.

Pergunta e resposta

Mas quer isto dizer que é impossível atingir a felicidade num mundo venal, hipócrita, dependente? Não. O segredo da felicidade consiste em ser livre, sincero, coerente.

Explicação

Ser livre, isto é, não temer.

Uma história

Agora, vou contar-vos uma história. Bom, trata-se de uma história verdadeira. Um menino estava sentado num rochedo. Tinha, ao lado, um cesto de búzios. Levantou um búzio e colocou-o no ouvido.

— A senhora quer ouvir o mar, então não é?

— Pois é, mas neste não se ouve. Ele sorriu e tornou: — Não se ouve, sabe a senhora

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

derá ser uma pequena Califórnia portuguesa; terra farta de hortas e de pomares, de horticícolas e de frutas variadas e deliciosas; de um certo exotismo que conquista o turista; e também de praias mornas de todo o ano, de clima ameno e ambiente calmo, que con-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE O INTÉRPRETE DA ALMA DO BRASIL

SE tudo o que de maravilhosa-mente belo resume a obra dos Seis Dias, seja ele expresso na serenidade dos lagos, matizados de flores, ou na nostalgia dos salgueiros debruçados com ternura sobre mansos ribeirinhos deslizando em embalos de meigute, quer se manifeste na matéria bruta ou na vegetação, pedra humilde dos caminhos ou altaneira fraga, árvore secular agitando os seus milhares de dedos, as folhas a apontar todos os caminhos do céu, ou rasteiro mato de giesta — se toda a Natureza, enfim, tivesse aprendido com o Divino Criador a traduzir em

palavras o que sente, falaria, decerto, a linguagem dos poetas. Não falam os seres simples e as coisas, infelizmente; deu-lhes, porém, o Senhor, antes privilegiados que vêm através do mistério e exprimem o que vive oculto no silêncio eterno. E um desses oráculos da Natureza,

gênio agreste que sublimemente traduziu a alma inquieta do sertão primitivo e bárbaro que o viu nascer, para quem não tiveram segredos os bogarys que foram as colinas brasileiras, nem as expansões gárrulas dos sábios do seu Maranhão natal

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A NOSSA TERRA AS IMPORTANTES OBRAS DE REPARAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA IGREJA PAROQUIAL

O QUE JÁ SE REALIZOU...

SEM dúvida alguma, os católicos de Vila Real de Santo António têm fartos motivos para poderem orgulhar-se das obras de reparação, embelezamento e valorização artística, que desde Maio de 1947 vêm realizando na sua igreja paroquial. Em nenhuma outra freguesia do Algarve, em tão curto período, se tem dispendido um esforço tão notável de generosidade, neste sentido. Já se empregaram mais de 500 contos nas obras realizadas. Desta quantia, apenas uma verba pouco superior a 100 contos foi concedida, em comparticipação, pelo Fundo de Desemprego, na fase inicial dos trabalhos. O restante foi obtido por contribuição dos habitantes da freguesia. Dentre estes, justo se torna salientar o nome do insigne benfeitor, sr. dr. Alonso Vasques, que dispôs de 100 contos para as obras da sua igreja paroquial e que, por tal facto, bem merece a gratidão de todos, porque de Deus terá como certa a recompensa. Quando estas obras se iniciaram, como é do conhecimento de

todos, a igreja encontrava-se, externa e interiormente, quase em ruínas. Por tal motivo, os telhados e a abóbada do altar-mór foram totalmente substituídos, todas as paredes exteriores picadas e rebocadas, o mesmo tendo acontecido a quase todas as interiores; os pavimentos da nave da igreja e de todas as numerosas salas, arrecadações e côro, bem como todos os tectos e janelas foram também integralmente substituídos. Hoje, a nossa igreja dispõe de numerosas dependências, decentes e até confortáveis, tais como a ampla sala para as reuniões das associações católicas, a sala do secretariado e biblioteca da J. C. F., a sala de recreio, com jogos e biblioteca privativa dos jovens associados de S. Luís de Gonzaga, um vestiário com cabanas privativas para o clero, uma sacristia em perfeita consonância com o ambiente renovado de que foi revestida toda a igreja, onde se destacam um aparatoso guarda-para-mentos, talvez único nas nossas igrejas, e um magnífico arcaz, devidamente restaurado, e ainda de um cartório paroquial,

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua família, seguiu para S. Paulo (Brasil), onde tem a sua residência, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Jorge Arez de Mascarenhas, proprietário e industrial naquela cidade.

Regressou a sua casa, em Vila Viçosa, o nosso conterrâneo sr. capitão João Falcão Ramalho Ortigão, que passou a época balnear na Praia de Monte Gordo.

Com sua esposa, sr.ª D. Maria da Encarnação Ferreira Mendes de Vasconcelos e seus filhos, retirou para Almada, onde fixou residência, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Fernando Garcia Pego de Vasconcelos, que teve a gentileza de vir à nossa redacção apresentar as suas despedidas.

Regressaram de Almodôvar os srs. Armando António de Mendonça Rocha Cruz e José Armando Rosa.

Encontra-se em Lisboa, tendo vindo, por via aérea, da Ilha Terceira, (S. Miguel) onde se encontrava a prestar serviço militar, o aspirante a oficial, sr. Eurico Duarte Baltazar, filho do nosso prezado amigo, sr. Diamantino M. Baltazar, conceituado comerciante na nossa praça.

Da sua casa de Carcavelos, onde passou a estação calmosa, regressou a Beja, com sua família, o abastado proprietário, nosso querido amigo e prezado assinante, sr. Francisco Maria da Cruz Martins.

Acompanhado de sua esposa, visitou o Algarve, tendo estado em Faro, Caldas de Monchique e Sagres, o nosso ilustre comprovinciano e prezado assinante, sr. major Mateus Moreno, presidente da Direcção da Casa do Algarve em Lisboa.

Com sua esposa e filha, já regressou a Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, distinto clínico na capital.

Regressou, de Albufeira, à sua casa de Loulé, com sua família, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Gervásio Santos, abastado proprietário naquela vila.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado assinante, sr. Joaquim Moita Gutierrez, residente no Barreiro.

Encontra-se em Vila Boim o nosso prezado amigo e assinante, sr. Flaminio Gil, funcionário da F. N. I. M., que a seu pedido deixou de prestar serviço em Castro Verde.

Nascerimentos

Em Lisboa, onde presentemente tem a sua residência, teve a sua «délivrance», no passado dia 5 do corrente, dando à luz uma robusta criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria do Carmo Arcajo Cruz Baltazar, esposa do nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Diamantino Duarte Baltazar.

Mãe e filha encontram-se, felizmente, bem.

Em Loulé, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria da Conceição Corpas Rocheta Rua, esposa do nosso amigo, sr. dr. Jaime Guerreiro Rua, ilustre director do nosso prezado colega «A voz de Loulé» e presidente da J. D. da Acção Católica. As nossas cordiais felicitações.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 24
MATOSINHOS

NOVO PRONTO-SOCORRO

PARA OS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Encontra-se, há dias, em Lisboa o nosso querido amigo, sr. Luis Acácio Cardoso de Figueiredo, dedicado comandante dos Bombeiros Voluntários desta vila, que ali foi adquirir uma nova viatura de pronto-socorro.

Esta unidade, que deve chegar ainda hoje, entrará imediatamente ao serviço da prestimosa Corporação, que assim vai renovando o seu material, como tanto necessitava, a fim de mais eficazmente cumprir a sua missão de utilidade pública.

Esperamos e desejamos que não se faça demorar a construção do novo quartelamento, pois este acréscimo dum novo veículo de socorro mais fará sentir a dificuldade de arrumação das viaturas no actual quartel.

EXPORTAÇÃO DE CONSERVAS DE PEIXE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

No que respeita a Cuba, o jogo de direitos que está a praticar com Portugal para forçar a nossa importação constitui para as conservas uma barreira dificilmente franqueável. Quando o nosso País importa de Cuba pelo menos 50% do que lhe vende, concede o governo de Havana a vantagem de direitos mínimos, que tornam perfeitamente possível a entrada dos nossos produtos; quando não se chega àquela percentagem, cessa imediatamente a concessão. Assim sucedeu neste ano, encontrando-se imminente a pauta máxima para as conservas e outras mercadorias portuguesas, enquanto a Espanha e Marrocos beneficiam da pauta mínima, e tornam impossível, nessas circunstâncias, a nossa concorrência.

Quando à Argentina, sabe-se que o seu mercado foi bom comprador de conservas em salmoura e peixe congelado, chegando a constituir factor quase determinante da montagem e precária expansão desta última indústria em Portugal. Há já alguns anos que este mercado se fechou para tais importações e não se descorrem perspectivas de fácil reatamento nem de acesso animador para os restantes produtos conserveiros. Em outros países da América do Sul e Central, as restrições cambiais são tão poderosas que a exportação tem sido reduzida a proporções insignificantes e sem perspectivas de melhoria.

O panorama, como se vê, é muito pouco propício à gestação de esperanças, tanto a curto como a longo prazo. Países que se encontram, como muitos dos referidos, em condições económicas privilegiadas para facilitar o comércio internacional e abrir caminho a intercâmbios fecundos, são os que mais os dificultam e embaraçam, contradizendo na prática o que tantas vezes preconizam, com ênfase, na fácil e gratuita teoria económica para uso alheio. Mas aqui tocamos, precisamente, o capítulo mais importante e grave da situação dos mercados americanos para o nosso comércio de conservas de peixe, aliás acompanhado pela quase totalidade do comércio europeu nas mesmas desilusões e desalentos: a atitude dos Estados Unidos.

Ninguém ignora nem pode esquecer que os governantes de Washington têm sido, desde o fim da guerra passada, os paladinos constantes da liberalização, do fomento dos intercâmbios, da redução de barreiras de toda a espécie entre as nações; e, ao mesmo tempo, os próprios Estados Unidos são o exemplo acabado e flagrante do proteccionismo, dos obstáculos alfandegários muitas vezes intransponíveis para a produção estrangeira do «Buy American Act», com todo o seu significado de egoísmo nacional e «chauvinismo» económico.

Dos Estados Unidos, justamente, deveria esperar-se o modelo do franco acolhimento para os produtos do trabalho alheio, com a força que lhes conferem o imenso poder económico, o poder universal da sua moeda, o progresso formidável das suas indústrias e a produtividade inextinguível de toda a sua estrutura manufacturiera. Ninguém desconhece esta contradição decisiva, mas também nunca se pode deixar de a estranhar.

Em Agosto de 1953, foi nomeada pelo presidente Eisenhower a Comissão de Política Económica Externa (Comissão Randall) com o encargo de estudar o presente e o futuro das relações comerciais dos Estados Unidos com os outros países e apresentar recomendações adequadas às circunstâncias do mundo económico contemporâneo. Em Janeiro, foi publicado o respectivo relatório, preconizando o alargamento dos poderes do Presidente para poder realizar negociações multilaterais tendentes a baixar as pautas alfandegárias, a simplificação das formalidades legais no processo aduaneiro, a modificação do «Buy American Act», no sentido de facilitar os fornecimentos estrangeiros em reciprocidade com as disposições tomadas pelos governos relativamente aos fornecedores americanos, a revisão do GATT (acordo geral sobre pautas e comércio) em termos de poder ser votado pelo Congresso, etc..

Vai este ano de 1954 bastante adiantado e nada ou quase nada se fez neste sentido. O presidente Eisenhower e os seus colaboradores continuam manietados, nos seus intuitos prudentemente liberalizadores, pelo veto do Congresso, dominado por interesses comerciais e industriais que não querem abdicar da sua posição privilegiada; e largos sectores do comércio europeu continuam a bater em vão às portas do mercado americano sem que a entrada dos seus produtos lhes seja permitida em condições viáveis.

O caso das conservas de peixe portuguesas é bem representativo da situação que se expôs sumariamente. As autoridades norte-

BOSQUEJOS

AS LUZES

É em especial por ocasião das festividades nos arredores, com a ida e o regresso quase sempre de noite e com o intenso movimento de veículos nas estradas, que temos ensejo de apreciar o desleixo criminoso, a falta de consideração pelo próximo e tantas vezes por si próprios que caracterizam grande parte dos condutores de automóveis, camionetas e motocicletas.

Não bastava já a velocidade doida em que se lançam, não sabemos ao certo com que fim, não bastavam as ultrapassagens arriscadas, sem sombra de tacto ou raciocínio lógico, de que saem illos quantas vezes milagrosamente, senão ainda a «brincadeira» das luzes. Os que guiam conhecem perfeitamente os seus deveres neste capítulo e a necessidade inadiável de os cumprir para bem de todos. O que temos visto, porém, em nada abona as qualidades cívicas e até pensantes de muitos dos nossos galgadores. Para eles nada existe relacionado com as luzes, a não ser, possivelmente, a obrigatoriedade de mantê-las na máxima força, quando em movimento, e a de apagá-las, quando parados. São inuteis os sinais — e quantas vezes as pragas — que os motoristas conscienciosos lhes dirigem. Que importa que os outros tenham de parar os carros, desorientados pelo reflexo dos faróis que se aproximam? Que importa que a desorientação — como tantíssimas vezes tem acontecido — os faça sair da estrada e espantá-los contra uma árvore ou quejando obstáculos? Nada disto importa. Os que pararam foram «trouxas». Os que se espantaram mais «trouxas» foram, uma vez que já não há remédio...

Com a Feira da Praia, vai recrudescer, de novo, o trânsito em Vila Real e vizinhanças. Centenas de camionetas e automóveis entrarão e sairão, peçados, como de costume. Que o bom senso não abandone de todo os que os conduzem; que se lembrem de que há muitas vidas que dependem do seu comportamento ao volante, eis os votos de quem não desejaria ver a nossa feira, nem, aliás, qualquer outra feira ou festa, assinaladas por trágicos acidentes.

A. A. de Sousa

«americanas aumentaram há tempos os direitos sobre o atum em conserva para 45%, ad valorem, resultando dessa medida a paralisação das exportações de atum em azeite para os Estados Unidos. Como consequência dessa política proibitiva as exportações de atum dos Açores e de Angola foram forçadas a voltar-se para o único mercado acessível, a Itália, abrindo uma concorrência que fez baixar os preços para nível inferior às possibilidades da nossa indústria metropolitana, dados os preços de custo com que trabalha presentemente. Pelo mesmo motivo, os produtores do Perú e do Japão canalizaram as suas exportações para os países da Europa onde a indústria portuguesa poderia encontrar possibilidades de venda, como a Suíça. Este último país é importante comprador de atum em óleo, ao passo que a Itália só importa atum em azeite. Ambos se encontram agora saturados pela concorrência, como reflexo da política norte-americana.

Outro inconveniente grave que daí resulta é o facto de as conservas de atum do Perú e do Japão estarem a tomar posições que cabiam outrora às nossas sardinhas em azeite, no mercado suízo. Não se justifica, também, a conhecida incidência dos direitos de 30%, ad valorem nas conservas de sardinha sem pele e sem espinha, que poderia ser o grande volume das nossas exportações conserveiras para os Estados Unidos. O preço do artigo já é elevado, por se tratar de especialidade de laborioso fabrico; com os direitos em vigor, torna-se pesado para o consumidor americano.

Assim, não só os Estados Unidos sustentam ou até agravam barreiras alfandegárias proibitivas, como vêm comprometer em muitos casos, como os das nossas conservas de peixe, as vantagens mais amplas que deveriam resultar da liberalização nos mercados europeus. Os agravamentos da concorrência e dos direitos nestes mercados, o aviltamento de preços e a desorientação do comércio, são os frutos da política económica americana, contraditória da doutrina que tem sido preconizada e, por vezes, quase imposta à Europa.

Quando se modificará esta posição dos Estados Unidos? Nada permite prevêê-lo. A indústria portuguesa de conservas continua a aguardar, resignadamente, como tantos outros sectores da economia europeia.

FEIRA DA PRAIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

das feiras ribatejanas, ou o vivo colorido da festa minhota, oferecem um conjunto de motivos e atractivos que lhes conferem uma simpática unidade. Não se lhes notará grande diferença no seu aspecto fundamental: «carrousel» a mais, ou «carroussel» a menos, tem sempre o mesmo sabor, quer se realize aqui ou em Alte, em Portimão ou em Estoi, em Faro ou em Boliqueime. Lá encontramos o salão endomingado, a mesinha onde o «suspiro», afogado em pó, suspira ao lado da garrafa de aguardente e do copinho melancólico, à espera de freguês, os «barros» das Caldas — que, por via de regra, nunca lá estiveram —, as «rifas» do alumínio, a legião imensa das barracas de quinquilharias e inutilidades, à poeira e às moscas, onde se pede vinte para vender por cinco, a alentada dama das «faturas» ou o «homem da neve» — não o fabiano primitivo que se passeia pelo Himalaia e faz gelar o sangue, de pavor, mas o pacato «comerciante» que se limita a refrescar as bocas. E, superando tudo, a algazarra, o banzé, o ruído ensurdecedor dos alto-falantes despejando de roldão, nos tímpanos de cada um, as fañanhas do motociclista que arrisca a vida — apenas por um escudo —, as habilidades de D. Alguidares, ilusionista-mágico do circo Royal, ou as excelências de certo unguento para calos!

Vamos, pois, dar uma voltinha nos automóveis eléctricos, aplaudir os caésinhos amestrados do «Luftman» ou dar o tradicional tirinho «ao canhão» — e que «canhões», santo Deus! — porque três dias depressa passam — e lá se vai o rapaz do trapézio voador e o imenso cortejo de traquitanas... até para o ano!

António Madeira Rosa

Proprietário da Alfaiataria Madeira, participa a todos os seus estimados amigos e clientes que por motivo de se deslocar a Lisboa, de visita a seu irmão que se encontra internado no hospital, não abre o seu estabelecimento nos dias 12 e 13 de Outubro, corrente.

Novo Estabelecimento

Inaugura-se, na próxima segunda-feira, dia 11, um novo estabelecimento para venda das máquinas de costura nacionais, da marca «Oliva» e respectivos acessórios, na Rua Teófilo Braga, n.º 57, desta vila.

Do nosso amigo e prezado assinante, sr. Alfredo Campos Faisca, agente oficial da fábrica «Oliva» e proprietário da nova casa comercial, desejamos muitas prosperidades e agradecemos o convite que nos dirigiu para o acto inaugural.

VENDE-SE

Todos os utensílios da Fábrica de Trituração de Rações, em estado de novos, que constam de Motor, marca «Tramagal», Triturador e Bidons, dois de condução e um depósito com torneira, várias chaves e correias. Quem pretender dirija-se a Domingos António Afonso, Marim-Alcouthim.

Quem perdeu?

Encontram-se depositados no Posto da Polícia de Segurança Pública, desta vila, os seguintes objectos, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes: Uma luva de malha e camurça, própria para senhora, e um lençol novo.

Vindo de Tânger

Chegou, no passado dia 7, a Vila Real de Santo António, o reconhecido Quiro-Astrólogo Eugénio A. L. Guedes (Professor Osiris). Depois de alcançar os melhores êxitos na sua viagem de estudo, permanecerá entre nós, até ao próximo dia 17 de Outubro, a fim de atender os muitos pedidos que tem recebido de nossos conterrâneos para consultas pessoais de Astrologia (Influência dos Astros) e Quirologia (Linhas da mão).

Osiris, que lê nas mãos como num livro aberto, pode informar qualquer pessoa sobre o PASSADO, PRESENTE E FUTURO, tal como nos provou com um dos colaboradores do nosso jornal, quando da sua apresentação de cumprimentos, e a quantas pessoas que já o consultaram na Pensão Mateus, onde está hospedado.

Em reconhecimento, aqui lhe desejamos muitos clientes e os mesmos êxitos que tem obtido em Portugal, nas Ilhas e Estrangeiro.

AUTOMOTORAS

PARA O ALGARVE

Somos informados de que serão postas ao serviço de passageiros, dentro em pouco, nos trajectos de Vila Real-Faro e Tunes-Lagos, algumas automotoras de novo modelo, que muito virão beneficiar as comunicações na nossa Província.

Conta-Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

porquê? Porque está cheio de lama.

A história finda aqui. Não é verdade que se trata de uma história maravilhosa? Não é verdade que ela nos dá um sentido de felicidade? Aprendemos com ela que, para se ouvir o Mar, há uma condição indispensável: ter as mãos limpas.

Florinhas

O velho intratável, lembram-se? Aquele de que vos falei há tempos. O que tem um lugar de fruta e, sobre um caixote, outro caixote com uma fruta preciosa: a netinha de poucos meses. Encontrei-o hoje. Arrastava a perna cortada de reumático. Levava uma trouxinha ao colo. Apertava-a com a mão direita (a outra ia com a bengala) e, para maior segurança, apoiava-a numa corda passada em volta do pescoço.

— A senhora desculpe, mas não posso demorar-me. Moro longe, sabe? E para a noite, sopra mais o vento.

E com um sorriso fêto, apontando para a trouxinha amorosa:

— As flores são muito sensíveis. E preciso a gente defendê-las...

Sim, amigo velho, intratável e bom. E preciso a gente defendê-las.

Relato tauromáquico

«...F. pisava terrenos impossíveis. Ficava depois olhando o animal, com o sorriso calmo dos verdadeiros heróis.»

O drama reside em que as palavras que aí ficam são demasiado a sério para serem tomadas por cómicas — e demasiado cómicas para serem tomadas a sério...

Canção da gota de água

Amanhã
Amanhã
Amanhã
Amanhã Amanhã Amanhã
Amanhã.

Maria Manuela Nunes

PROSSEGUIMENTO

DAS OBRAS NA AVENIDA

Consta-nos que vão iniciar-se brevemente as obras de pavimentação correspondentes à 2.ª fase (1.º troço) da Avenida da República, para o que serão retirados para outros locais os estaleiros de construção naval.

Novos Professores

Na Escola Normal, em Faro, terminaram o curso do Magistério Primário, com boa classificação, os nossos conterrâneos, sr.ª D. Maria da Encarnação A'guas Mira e os srs. João de Lima Pereira e Francisco Caldeira Alexandre, os quais já se encontram em actividade, como noutra local referimos.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 1 a 7 de Outubro:

TRAINEIRAS	
Liberta	78.010\$00
Brisa	77.035\$00
Flor do Sul	68.270\$00
Pérola do Guadiana	64.960\$00
Carmela	63.030\$00
Flor do Guadiana	61.705\$00
Infante	56.130\$00
Tufão	53.940\$00
Persistente	48.200\$00
Agadão	44.040\$00
Levante	43.845\$00
Raulito	41.537\$00
Maria Rosa	35.045\$00
Deolinda Rita	29.280\$00
Norte	24.300\$00
São Domingos	23.825\$00
Bátnha	20.870\$00
Janita	11.100\$00
Mexilhão	9.400\$00
Nice	1.710\$00
Total	856.232\$00

CERCOS

Amazona	35.625\$00
Novo S. José	6.125\$00
Novo Machado	3.499\$00
Futuro de Olhão	1.700\$00
Total	46.949\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 1 a 7 de Outubro:

Entradas:

SUBMAR II, Portorriquenho, de 370 ton., arribado com avaria.
APPINGEDAM, Holandês, de 499 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.
TINTO, Espanhol, de 247 ton., de Lisboa, vazio.
ASTRA, Panamiano, de 1.299 ton., de Setúbal, vazio.
GORGULHO, Português, de 1.196 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Saídas:

TINTO, Espanhol, para Aiamonte, vazio.
APPINGEDAM, Holandês, para Rotterdam, com frutos secos e conservas.
SUBMAR II, Portorriquenho, para Tânger.
GORGULHO, Português, para o Funchal, com sal e figos secos.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
ASTRA, Panamiano, para Dublin, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 9 a 15 de Outubro, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito. Telefone 31.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 24
MATOSINHOS

Vacinação contra a varíola

Todos os srs. industriais deste concelho, cujo pessoal não tenha sido vacinado nestes últimos 5 anos, deverão, sem demora, providenciar para a sua vacinação. Esta efectua-se na Subdelegação de Saúde, todas as quartas-feiras e sábados, das 14 às 16 horas.

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República
— Telefone 12 —

TRIBUNA DOS NOVOS

O TRAPEZISTA

Conto de VITOR DA SILVA RUIVO

QUANDO nasci, já estava decidido o que eu seria. Como meu avô e como meu pai, um dia vestiria um daqueles fatos muito brilhantes, cravejados de lanfitejas, e diariamente arriscaria a vida, suspenso de um trapézio que balouça a trinta metros do solo. Talvez uma noite me despenhasse, e ficasse estatelado na pista, inútil para sempre. Quem sabia se seria nessa noite? Quem poderia dizer se, dentro de pouco tempo, eu não seria mais do que uma massa informe de ossos quebrados e sangue a tingir o fato que não deixa de brilhar? Que podridão de vida! Arriscá-la para a manter, brincar com a morte para que ela não venha de outra forma!

Os palhaços já tinham abandonado a pista e a orquestra tocava uma valsa já muito velhinha. Alguém afastou a cortina do camarim e avisou-me que estava na hora. Olhei, uma vez mais, para o espelho e dirigi-me para a pista. As pernas tremiam-me. Gotas de suor frio começavam a correr-me pelas costas.

Entretanto, cheguei à pista. O circo estava completamente cheio, mas a multidão nada representava para mim. Naquela enorme barraca de lona, eu só via duas cordas presas na cúpula e ligadas na parte de baixo por uma barra de metal.

Durante a minha meninice, eu sempre ansiara pela hora em que me deixassem ir evolucinar lá para cima, mas desde aquela noite em que vi o corpo de meu pai estendido de borce na pista, o fato tinto de sangue a brilhar sob a luz potente dos holofotes, passei a odiar o trapézio. Ele matara meu pai.

Uma mão estendeu-me a escada de corda e uma voz desejou-me boa sorte. Sorri, mais para me encorajar do que para agradecer a quem me falava.

Vagarosamente, subi e agarrei-me ao trapézio. A orquestra tocava um slow que me soou como se de uma marcha fúnebre se tratasse. Sentia-me dominado por uma força estranha. Apeteci-me sentar-me no trapézio, e dali olhar a multidão, gritar-lhes que não iria arriscar a vida para os divertir, que tinha medo, que odiava aquela vida. Mas não fiz nada disto. Comecei a ensinar os primeiros saltos e fiquei mais calmo. Afinal, ia ser uma noite como as outras. Uma série de saltos e de evoluções, e depois a pista, os aplausos, os agradecimentos. Enfim, uma noite como as outras.

A orquestra calou-se. Ia começar a parte mais importante do meu trabalho. O locutor anunciou qualquer coisa a que eu não prestei atenção. Nada quebrava o silêncio da enorme casa, quando iniciei o último número. O trapézio balouçou loucamente e eu mantenh-me sobre ele, fitando a multidão, como que desafiando todos os homens a imitarem-me. Um salto, outro salto, ainda outro, e...

Já o tambor ruíava e a assistência começava a aplaudir, quando aquilo sucedeu. Uma mão stada

que escorrega no trapézio, e um corpo que mergulha sobre a pista. Os meus olhos ainda abarcaram uma multidão que me rodeava, com a ansiedade espelhada no rosto, umas mãos que me tocavam, e depois, tudo desapareceu.

Durante cinco meses, vivi estendido no leito de um hospital. O meu corpo estava completamente metido em gesso. Do rosto, somente os olhos e a boca não se encontravam cobertos por ligaduras. Cinco meses em que o mais pequeno movimento me fazia sofrer, e em que mil vezes desejei morrer.

Um dia, deixaram-me sair. Não por meus pés, que nunca mais o poderia fazer, mas numa cadeira de rodas que uma enfermeira empurrava. Pedi-lhe que me levasse ao circo, deserto àquela hora da tarde. A meio da pista, fechei os olhos e vi-me no trapézio. A assistência aplaudia e, por momentos, senti-me feliz. Abri os olhos e só vi as bandeadas vazias e lá no cimo um trapézio a balouçar mansamente. Um raio de sol, que entrava por uma brecha do pano, incidia sobre a barra. Duas grossas lágrimas correram-me pela face, talvez por saber que nunca mais poderia ir lá para cima brincar com a morte.

CRIADA

Com conhecimento de cozinha, precisa-se. Informa-se na Redacção deste jornal.

CINE-FOZ

Apresenta, quinta-feira, dia 14, um grandioso programa duplo, com dois sensacionais filmes.

O ladrão de Veneza, com a escultural artista Maria Montez e Paul Christian. Com toda a beleza e esplendor, os estúdios italianos reproduziram um dos capítulos mais vibrantes e coloridos da sua história. A corrida das galés dos escravos de Veneza, a revolta contra os mercenários da Prússia e as torturas medievais são cenas que jamais se esquecerão, pelo seu realismo.

Duas raparigas e uma canção, com June Haver, Glória de Haven, Dennis D. y e Henry James, num espectáculo de surpreendente beleza. Um filme em que tudo é atraente, com uma bela parada de artistas.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Realizou-se, no passado domingo, em Olhão, o encontro Olhanense Almada, para a 5.ª jornada do Nacional da II Divisão, cujo resultado foi de 5-0, a favor dos locais. Diga-se desde já que a vitória dos olhanenses foi merecidíssima, porquanto jogaram, quase todo o tempo, na grande área defendida pelos visitantes.

Os golos do Olhanense foram marcados por Del Duca (2), Vinício, Emirêcio e Rangel, na transformação duma grande penalidade.

O jogo foi correcto e fácil de arbitrar, pois o senhor Eduardo de Gouveia, de Lisboa, não teve dificuldade em fazer uma excelente arbitragem.

No Olhanense, distinguiu-se Tavares, na defesa, e Poira, na linha média.

Os avançados fizeram uma excelente exibição, destacando-se Rangel e Del Duca.

No final do encontro, ouvimos as opiniões de alguns jogadores visitantes e visitantes, mas, em primeiro lugar, fomos ao balneário do juiz de campo, que gentilmente nos disse:

—Jogo correcto e fácil de dirigir. Fiquei encantado com o público desta vila. O Olhanense tem uma equipa capaz de muitas proezas. Todos os seus jogadores fizeram uma boa partida.

A seguir, fomos até junto dos jogadores do Almada. Ouvimos, em primeiro lugar, o argentino Go-

mes, jogador de grandes qualidades e que mostrou a classe do futebol argentino. A nossa primeira pergunta, disse-nos:

—Os «nuestros» jogadores jogaram muito abaixo das possibilidades. Merecíamos, pelo menos, dois golos. Fomos inferiores aos olhanenses, que fizeram uma excelente exibição. Arbitragem regular.

O defesa Gilberto afirmou-nos: —O Olhanense pode estar grato a Abraão de ter defendido dois golos que pareciam certos. Fomos infelizes a finalizar. Mereceu a vitória o grupo dos locais.

—Na cabine do Olhanense, ouvimos Rangel.

Jogo disputado com correcção, e resultado certo.

Vinício: —Jogámos bem e ganhámos com toda a justiça.

Por último, Toupeiro, que foi expulso, afirmou:

—Fui injustamente expulso. Não merecia tal castigo, pois um adversário agrediu-me primeiro. Boa vitória para caminhar para bem do desporto algarvio.

Herculano Valente

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21 MATOSINHOS

SAIBA O SEU DESTINO!

Consultando o Quiro-Astrólogo

“OSÍRIS”

Pensão Mateus

Rua S. João de Brito

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Passado, Presente e Futuro,

bem como a melhor época para todos os empreendimentos sobre amor, negócios, viagens, concursos, etc., etc.

N. B.—Por motivo de alteração nos compromissos, OSÍRIS estará entre nós, apenas até ao dia 17, e não 22, como noticiou.



Manuel Anica & João Miguel Anica, L.ª

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de 6 de Outubro corrente, lavrada nas notas do Cartório Notarial do concelho de Vila Real de Santo António, foi constituída, entre Manuel Anica e João Miguel Anica, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma de «Manuel Anica & João Miguel Anica, Lda.», tem a sua sede no sitio das Hortas, desta freguesia e concelho, onde será o seu estabelecimento, a sua duração é por tempo indeterminado, com início na presente data, sendo os seus anos sociais, os civis.

2.º

O seu objecto consiste na exploração do comércio de frutos, hortaliças, legumes, palha, peixe, sal, carvão, materiais de construção (armazém de) ou de qualquer outro ramo de comércio ou indústria de livre exercício ou para que tenha autorização, em que os sócios acordem.

3.º

O capital social é de 100.000\$00, em dinheiro, inteiramente realizado, representado e dividido em duas quotas de igual valor, respectivamente subscritas pelos dois sócios.

4.º

Não haverá prestações suplementares do capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, nas condições que forem acordadas.

5.º

A gerência e administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com uso da

firma, sem caução nem retribuição.

§ 1.º Para que a sociedade fique validamente obrigada, é necessário que os respectivos documentos sejam assinados, com a firma social, por ambos os gerentes. Exceptuam-se do disposto neste parágrafo os documentos de mero expediente, que poderão ser assinados, com a firma social, por um dos gerentes.

§ 2.º—Os gerentes, em caso algum, poderão usar da firma social em fianças, abonações, letras de favor e mais actos e documentos estranhos aos negócios da sociedade, ficando o gerente que transgredir o estipulado neste parágrafo, pessoalmente responsável para com a sociedade pelos prejuizos que lhe causar.

6.º

A cessão total ou parcial de quotas é livremente consentida entre os sócios, mas a cessão a estranhos depende do consentimento da sociedade, ficando-lhe, porém, reservado, em primeiro lugar, o respectivo direito de preferência, e, em segundo lugar, aos sócios, pelos valores do último balanço e, se mais de um sócio quiser usar deste direito, adquire a quota na proporção das suas respectivas quotas.

7.º

A sociedade não se dissolve nem pelo falecimento, nem pela interdição de qualquer dos sócios, mas, apenas, nos casos marcados na Lei de 11 de Abril de 1901, dependendo, porém, a sua dissolução por acordo, de metade dos votos do capital social.

8.º

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, representados por um deles, com capacidade legal, enquanto a respectiva quota se achar indivisa.

§ único—É dispensada a autorização da sociedade para a divisão de quotas entre os herdeiros dos sócios.

9.º

Fora dos casos em que a lei exija outros requisitos especiais, as assembleias gerais, ordinárias ou extraordinárias, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de quinze dias.

10.º

Haverá um balanço anual, referido a trinta e um de Dezembro e os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por cento para fundo de reserva legal, serão repartidos, bem como as perdas, entre os sócios, na proporção das suas respectivas quotas.

11.º

Em tudo o omissão, regularão as disposições legais aplicáveis e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

Vila Real de Santo António, 8 de Outubro de 1954.

O Ajudante do Cartório,
Manuel Clemente

Navio Francês SAFI
Recebe carga e passageiros para CASABLANCA e PORT-LYAUTEY em 12 de Outubro corrente
MARQUES, VAZ VELHO & CATADO
Vila Real de Santo António
Telefone 69

OLIVA

A MÁQUINA DE COSTURA DOS PORTUGUESES

ALFREDO CAMPOS FAISCA, agente oficial das Máquinas de Costura OLIVA, nos concelhos de Vila Real de Santo António e Castro Marim, tem a honra de participar a todos os seus prezados Clientes, Amigos e ao Público em geral, que será inaugurado no próximo dia 11, na Rua Teófilo Braga, N.º 57, desta localidade, um estabelecimento destinado ao comércio de Máquinas de Costura OLIVA e seus acessórios, onde espera continuar a merecer as ordens da sua prezada clientela.

O modelo zigzague, da Máquina de Costura OLIVA, constitui uma verdadeira preciosidade mecânica, que tem recebido entusiástico e unânime aplauso das mãos femininas que o utilizam nos seus labores de arte e confecções domésticas ou nas mais variadas obras de carácter profissional.

OLIVA A MÁQUINA PORTUGUESA PARA OS LARES DE PORTUGAL

A Máquina de Costura ao alcance de todos. É BARATA; por 122\$00 mensais, pode obter uma OLIVA. É BOA; como atestam os milhares de máquinas vendidas no nosso País e no Estrangeiro.

AGENTE OFICIAL
ALFREDO CAMPOS FAISCA
RUA TEÓFILO BRAGA, N.º 57
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ANDYK”

carrega em LISBOA em 27 de OUTUBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DURANGO» — 19 de Outubro

«DONGEDYK» — 27 de Outubro

As obras de reparação DA NOSSA IGREJA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

inteiramente moderno, modelar, acolhedor e agradavelmente mobilado. Como fácil é verificar, a nossa igreja oferece, hoje, um ambiente de máximo asseio e de ordem inexcelsível.

Sob o aspecto de valorização artística, alguns importantes trabalhos foram realizados já, os quais vieram enriquecer extraordinariamente e nossa igreja, até há pouco desprovida do menor atractivo artístico. Basta destacar o Baptisterio e a preciosa colecção de vitrais, da autoria do distinto pintor vilarealense Joaquim Rebocho, que, só por si, impõem uma visita obrigatória à nossa igreja a todos os que aqui chegam possuídos de alguma curiosidade artística.

... E O QUE SE PRETENDE REALIZAR

Vamos agora erigir, na nossa igreja paroquial, um Altar-mór monumental, de real valor e arte, que ficará a atestar, pelos tempos fora, a fé, a generosidade e o sacrificio da geração da curva deste meio século, na nossa terra, e a sua inequívoca devoção à querida Padroeira, Nossa Senhora da Encarnação, e ao SS. Sacramento.

Este trabalho, em virtude da sua grandiosidade, valor artístico e consequente elevado custo, será realizado em duas fases consecutivas. A primeira, que já se encontra em curso, importará em pouco mais de 100 contos, e consistirá do altar propriamente dito, em mármore lavrado e enriquecido com valiosas aplicações em bronze. Esperamos, dentro de poucos dias, poder expôr o projecto deste trabalho e sujeitá-lo à admiração dos paroquianos.

A segunda fase, que consistirá na substituição do retábulo e restauro do trono, há meses que vem sendo objecto de aturados estudos. Esperamos chegar brevemente à conclusão dum projecto definitivo, que, valorizando o trabalho de talha, deixe o conjunto absolutamente integrado no estilo da época da construção da igreja. Para este trabalho, já dispomos de uma importantíssima oferta: toda a madeira de cedro brasileiro que for necessária. E devem empregar-se alguns metros cúbicos. Trata-se dum dádiva generosa dum bom amigo da nossa terra, que muito quer à nossa freguesia, embora não tenha aqui nascido nem auferido os seus bens de fortuna — o sr. Jorge Arez de Mascarenhas.

Donativos para a 1.ª fase do Altar-mór

Só no passado domingo, dia 26 de Setembro, anunciamos aos nossos paroquianos os projectos

desta grande obra, e sabemos que foram acolhidos com grande entusiasmo. Expusémos, em traços amplos, a importância da obra que vamos realizar e os planos para conseguirmos os meios necessários, a saber: constituir-se-á uma comissão encarregada de recolher, em cada rua, casa por casa, os donativos, de molde a que não fique absolutamente ninguém, pobre ou abastado, sem uma parcela no altar. Formar-se-á o *Libro de Ouro*, que encerrará as assinaturas de todos os benfeitores e contribuintes, e que será colocado, em significativa cerimónia, na base interior do altar, a perpetuar a memória e a implorar os benefícios celestes.

Aceitam-se, desde já, as grandes e pequenas ofertas, mas que todas sejam generosas, oferecidas com alma e coração. Um e outras, graças a Deus, já nos têm sido voluntariamente entregues. A par da generosidade insofismável das grandes verbas já oferecidas, temos a generosidade eloquentíssima das pequenas quantias, por vezes, incomensuráveis aos olhos de Deus, como a de uma humilde paroquiana, que anda trabalhando a dias e que nos veio entregar 45\$00 — produto de 5 dias de trabalho! Não há palayras que possam enaltecer suficientemente a generosidade destas almas simples. E' ouro do mais fino quilate, brotado de coração diamantino.

Sentimo-nos, sem dúvida, desvanecidos perante o acolhimento dispensado ao nosso apelo de 26 de Setembro. Antes de iniciarmos o pedatório anunciado, já nos chegam apreciáveis donativos, concedidos voluntária e pessoalmente.

Como testemunho de reconhecimento e para que conste e frutifique o exemplo, iniciamos hoje a publicação das ofertas principais, entregues espontaneamente ao Pároco. Prosseguiremos a publicação, nos próximos números, das ofertas para esta 1.ª fase do altar-mór.

D. Cristina Cumbreira Ramirez	20.000\$00
Sr. Matias G. Sanches	5.000\$00
Sr. dr. Alonso Vasques Menina Maria da Encarnação Capa Horta Correia	2.500\$00
D. Rita O. Gomes Sanches (disposição encontrada após o falecimento)	1.000\$00
D. Maria Isabel Roland de Ramirez	1.000\$00
D. Isabel Ramirez Carmo	12.000\$00
A transportar	5.000\$00
	46.500\$00

Vila Real de Santo António, 4-Outubro-1954.

P.º Joaquim Galhardo

Três pedras de sal

I

Lava a tua alma

Para a morte, uns e outros convergimos; iguais, pois, no nascer e no morrer, só no curso da vida divergimos. Na charneca intranquila e fatigante da consciência, impunha-se o dever de abrir uma clareira repousante; pôde então confiar... e pôde crer.

II

Olha-te por dentro

O homem, quanto mais se aperfeiçoa, melhor vê sua oculta imperfeição. Pois não feches os olhos da alma, meu irmão.

III

Nas más horas

Amizade! Palavra aliciante! Mas há tanta amizade, que eu conheço, a muitos guarda-chuvas semelhante, que, com as investidas do mau tempo, se voltam do avesso!

CARDOSO MARTHA

VISITAS SIGNIFICATIVAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

o estado de conflito da Paz. E a ameaça paira sobre a humanidade como nuvem pesada e escura a anunciar tempestade e a espalhar a desventura das apreensões.

A Portugal, nestes tempos calamitosos a Providência concedeu que nas mãos dum grande estadista e Chefe estivessem confiados os seus destinos. Sem a menor quebra de brio ou de cumprimento rigoroso dos seus compromissos, acolhendo-se sempre à muralha inexpugnável dos mais escrupulosos princípios de justiça e da razão, seguindo, enfim, uma habilitíssima e irrepreensível linha de conduta, Portugal defendeu a paz interna e exerceu uma acção perfeita e generosa. Tal atitude acrescentou o seu reconquistado prestígio. Portugal é hoje uma voz, uma força e uma posição defensiva do direito e da Paz.

Acumulam-se as demonstrações de tão honesta como inteligente atitude; as relações amistosas e de consideração perante o desvairedo e caviloso atentado à soberania portuguesa, se comprovaram com os protestos amigos reconhecendo a razão indiscutível que nos assiste.

Ainda agora tivemos duas honrosas visitas oficiais, que representam excelentes relações internacionais do nosso País — Lord Ismay, secretário geral da N. A. T. O. e vice-presidente do Conselho do Atlântico, e do sr. Paul Olivier Sauer, ministro dos Transportes da União da África do Sul. Ambos foram recebidos com as honras e deferências inerentes à sua alta categoria.

A União da África do Sul é uma grande potência vizinha e amiga das nossas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique; as nossas relações de leal e boa vizinhança reflectem o alto conceito de justiça e civilização que anima a vida dos dois povos. O sr. dr. Paulo Cunha, illustre ministro dos Negócios Estrangeiros, no brinde do jantar que ofereceu em honra do nosso distinto hóspede, referiu, com sincera eloquência, a amizade que liga as duas Nações, constantemente afirmada nas boas e con-

fiadas relações, e a mútua conveniência na sua missão civilizadora de *conjugarem as suas políticas por modo a formarem uma frente conscienciente unida*. E agradeceu a posição desassombrosa de *franca solidariedade e amizade* que a África do Sul tomou no conflito luso-indiano.

Não podiam ser mais claras e afectuosas as afirmações do ministro sul-africano, figura das mais prestigiosas da sua Nação. Depois de afirmar a sua satisfação por haver conhecido um dos raros *grandes homens* do seu tempo, — o dr. Oliveira Salazar —, teve no seu belo discurso atitudes de nobreza de alma a expressar o sentir da União Sul-Africana.

«Em África, somos bons vizinhos, cujas relações se têm caracterizado sempre por uma verdadeira amizade, mas a África também receia o comunismo e na nossa defesa mútua há mais um laço de unidade».

«No caso de uma guerra mundial, a África do Sul estaria disposta a colaborar onde necessário, com os seus vizinhos na defesa comum».

Vasco do Mendonça Alves

ELEMENTOS PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

vidam ao repouso e ao retemperamento para um novo período de canseiras e de fadigas.

«Depende da nossa vontade esse milagre, essa metamorfose; está nas nossas mãos a realização desse sonho».

Armações de Numa conferência de
atum espanholas Imprensa acerca do problema da pesca, o chefe nacional do Sindicato da Pesca de Espanha fez as seguintes declarações sobre as armações de atum:

«No que respeita à produção das armações — de tanto interesse no Sul e tema debatido também na Conferência da Pesca — recentemente foi publicado pelo Ministério do Comércio um decreto modificando os estatutos do Consórcio Nacional Almadrabeto, no qual se resumem as propostas sindicais orientadas para um mais correcto entendimento do monopólio e coordenando-o de harmonia com os altos interesses do país para o aumento da produção. Nesse sentido, reconhecem expressamente ao Estado as facultades que lhe são próprias no número e localização dos pesqueiros e dispõe-se o melhoramento das suas condições de trabalho e a pública licitação dos seus excedentes atuneiros.»

A sardinha Também no
na nossa lota mês de Agosto to findo, foi a lota de Vila

Real de Santo António aquela onde a sardinha atingiu a mais alta cotação. O preço por quilo foi, aqui, de 4\$21, registando-se os seguintes preços nas restantes lotas do Algarve: Olhão, 3\$22; Portimão, 2\$80 e Lagos, 2\$06. Depois de Vila Real de Santo António, foi Matosinhos que melhor pagou a sardinha: 3\$65, o quilo. A lota mais pobre foi a de Setúbal, que apenas cotou o precioso peixe a 1\$46.

Naquele mês, a nossa laboriosa vila de Olhão foi o segundo centro produtor do País, com 1.735.597 quilos, antecedido de Matosinhos, que fabricou 1.882.718 quilos de conservas. Vila Real de Santo António, centro abastecedor de matéria prima aos olhanenses, conten-

tou-se em produzir 517.225 quilos.

O Algarve mineiro O nosso distrito é muito pobre em minérios, talvez porque nunca se fez uma séria e metódicamente a pesquisa aturada da nossa região montanhosa. Presentemente, há apenas duas concessões, ambas no concelho de Alcoutim: uma de antimónio, em Cortes Pereira, propriedade de José Simões Marques, e outra de manganês, no Serro de Santa Bárbara, pertencente à Sociedade Importadora, Exportadora Comercial, Lda. Estas concessões foram feitas, respectivamente, em 1942 e 1943.

Indústria de con- O gover-
servas de peixe nador das
na Indonésia conferên-
cia com

os representantes do Departamento de Pescarias e das Cooperativas de Pesca de Ambon, à qual assistiu o cônsul-geral interino norueguês, que se encontra naquela localidade, para estudar as possibilidades de estabelecer ali a indústria de conservas de peixe. Depois de ouvir algumas opiniões, o cônsul declarou ter a esperança de ainda este ano poder começar a construção de uma fábrica. Soube-se, mais tarde, que será facultado equipamento moderno, de modo a que possa ser expandida a pesca do alto no mar de Ceram. — J. B.

Cuecas, camisa ou pijama, do que é que precisa mais? A «Viresa» criou fama produzindo artigos tais...



Confecções Viresa, L. da
FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Visado pela Comissão de Censura

INFANTE D. HENRIQUE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

par-se com o descobrimento dos caminhos para a Guiné e Índia, só por mar, obra esta que, quer pelo lado cristão, como pelo comercial, tanto interessava a Portugal e a todos os povos. Naquela época, a navegação não passava para o sul das Canárias, nem ia ao mar largo, chamado *Mar Tenebroso*.

Para criar a nova navegação, teve o Infante de convocar homens práticos, com quem foi estudada a adaptação de navios, de instrumentos e de mapas, a fim de, no alto mar, se poderem orientar por observações astronómicas. Foi com estes elementos que, navegando ao largo, se foram descobrir os ventos gerais do Atlântico, reconhecendo-se que eles permitiam tanto as viagens de ida para o sudoeste, como a volta, pelo largo, contornando-se a região daqueles ventos, então contrários. O mar precedeu as terras.

Como se vê, as viagens portuguesas de descobrimento não foram tentadas ao acaso — a acerta — pois tiveram, a par da inevitável audácia dos mareantes, uma prévia preparação científica.

Mercê da intervenção do Infante, sucessivamente os portugueses foram devassando o alto mar: chegaram à Madeira em 1418, aos Açor-

res em 1431, passaram além do Bojador em 1434 e descobriram a Guiné em 1444. Cortámos o Equador em 1470, entrámos no grande rio Zaire em 1484, dobrámos o Cabo da Boa Esperança em 1488, tendo Vasco da Gama chegado à Índia em 1498 e Pedro Alvares Cabral ao Brasil, em 1500. Já antes, em 1492, Colombo — que com os portugueses aprendera a navegar — tinha atingido as Antilhas, e também Corte-Real chegara ao continente norte-americano muito antes de 1500. Finalmente, em 1521, Fernão de Magalhães, navegando para Ocidente, atingira as Filipinas, na Ásia.

Tudo isto resultou do esforço do Infante, cuja intervenção permitira inventar a navegação de alto mar.

Esta actuação nacional, iniciada pelo Infante D. Henrique, será vulgarizada no futuro monumento a erigir na ponta de Portugal, que é a Península de Segres, constituindo um registo simbólico da intervenção portuguesa na abertura de todos os oceanos à Navegação e Expansão Europeias. Ali, um mapa esquemático de toda a terra traduzirá a evolução do Descobrimento dos caminhos marítimos para a Guiné, para a Índia, para a América e, enfim, para o Oceano Pacífico, para a Ásia.

Catulo da Paixão Cearense

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

— foi Catulo da Paixão Cearense, príncipe dos poetas do Brasil.

Nenhum outro conseguiu jamais atingir as alturas em que paira a arte insubordinada e forte, livre e retumbante, de Catulo, e é grande e ilustre a pléiade de poetas seus irmãos. Entretanto, nem Junqueiro Freire, nas suas lutas dolorosas com Deus e o Mundo, A'lbaredes de Azevedo e a sua melancólica glorificação da morte, Casimiro de Abreu nas suas paixões tímidas, Fagundes Varela, simultaneamente acolhedor e indomável, o grande Castro Alves, com a alma ardendo em labaredas de revolta contra todas as injustiças — nenhum, entre tantos, no seu adejar ansioso de mais além, subiu tão alto. Catulo é diferente de todos os outros, é único.

Decepção-se quem buscar euritmia nos versos do grande sertanejo; mas é precisamente a desordem pujante e vigorosa, a magnífica liberdade dos instintos que eles reflectem, numa fuga da Natureza, audaciosa e soberba, à inflexibilidade das regras, que vinca a superioridade do génio de Catulo Cearense e dá à sua literatura rústica

uma expressão imprevisível e luminosa.

Pode o Poeta, qual flor selvagem a desabrochar em formosuras incomparáveis, baloiçar suavemente ao sopro da brisa inspiradora e blandiciosa, ou vergar aos tropelões de aguaceiro desabrido, que as suas raízes, fortes e sensitivas, nunca desfalecem no abraço à terra, terra fecunda do Brasil, que lhe retribui a constância do afecto com a generosa dádiva do próprio sangue, a seiva vivificante que alimentou o incêndio tão brasileiro dos seus sentidos. Abre-se um livro de Catulo Cearense, percorrem-se as suas páginas num crescendo de interesse, e, quanto mais o lemos, mais nos sentimos enfeitados pela sua arte profunda, imaginosa e comovente. Que espantosa revelação de novos e estranhos horizontes para as almas sequiosas de beleza, ao penetrarmos com ele no segredo das matas virgens e no mistério dos corações bárbaros! Os seus versos, a palpitar de vida, percorrem toda a gama dos sentimentos, e, na plena sedução de um novo ideal estético, rústico, mas delicioso, deslumbram-nos pela novidade do ritmo e pela graça sugestiva dos mais inesperados contrastes. Eles são a

voz indefinida dos insectos, a quebrar de cintilações efémeras a tremulina do luar; o raio de sol que rompe vigorosamente através da ramaria espessa e vai irisar-se, em deslumbramento de cor, na gota de orvalho que resvala timidamente pelas pétalas sensuais de uma magnólia; ou, ainda, o espelho mágico onde se retratam as paixões dos caboclos, ora ingénuas e tranquilas como inocente fio de água, ora brutais e violentas como uma tempestade tropical. Catulo penetrou no peito rude dos sertanejos e viveu com eles, na sua poesia, as mais imprevisíveis manifestações da alma humana, mistos de primitivismo e sensibilidade, insuspeitados complexos de abnegação e crueldade, generosidade e ciúme, ódio e sacrificio — que, indelentemente, suavizam, dilaceram, atordoam e matam. E sempre grandioso, sempre extraordinariamente humano, esse mesmo Catulo!

Foi a sua lira bárbara que trouxe para o mundo o aroma forte da selva brasileira, a revelação de toda a beleza grandiosa desses recônditos sertões, onde se aninha, como num relicário de luxuriosa e selvática opulência, a alma do Brasil.

J. A.